

CLEMENTE DE ALEXANDRIA E A EDUCAÇÃO DE ADULTOS NO INÍCIO DO CRISTIANISMO

Milton Luiz Torres¹

Maria Luísa de Carvalho Araújo da Silva²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar alguns aspectos filosóficos sobre a andragogia (isto é, educação de adultos) na obra “O pedagogo”, de Clemente de Alexandria, e seu uso da pedagogia de Jesus Cristo, a fim de evangelizar e orientar os cidadãos recém-conversos ao Cristianismo, tanto letrados quanto não.

Palavras-chave: Educação. Formação. Andragogia. Paideia.

¹ Doutorado em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (USP) e Pós-doutorado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente é professor permanente do Mestrado Profissional em educação do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). *E-mail:* milton.torres@unasp.edu.br;

² Mestre em Educação pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP).

INTRODUÇÃO

Na audiência geral do papa Bento XVI, em 18 de abril de 2007, Clemente de Alexandria e seus escritos foram trazidos à tona de maneira reflexiva. Na tensão entre tradição e modernidade, observada na ênfase dada pelo papa à necessidade de restaurar a dimensão metafísica da verdade, com vistas a um mais fundamentado diálogo com o pensamento filosófico contemporâneo. O papa ainda se referiu a Clemente como um dos pioneiros do diálogo entre fé e razão na tradição cristã, pois auxiliou na expansão do pensamento filosófico cristão.

Ao se observar a expansão do evangelho pregado pelos discípulos de Jesus Cristo e toda a bagagem de mudanças comportamentais e de pensamento que essa expansão estava acarretando, percebe-se um novo rumo na história da humanidade e conseqüentemente na educação. Os educadores da época de Clemente pautavam o embasamento educacional na filosofia grega e romana, mas o presbítero começa a romper com alguns paradigmas estabelecidos até então, e aponta para Jesus Cristo como o verdadeiro pedagogo, ou seja, aquele que verdadeiramente pode ensinar o caminho da perfeição.

Tito Flávio Clemente, ou simplesmente Clemente de Alexandria viveu em meados do século II A.D., escreveu **O pedagogo**, obra que integra uma trilogia destinada a acompanhar eficazmente a maturação espiritual do cristão. Escrita para cristãos convertidos, põe grande ênfase na conduta ética e na razão. O **Protréptico**, primeiro livro da trilogia é uma exortação dirigida a quem inicia e procura o caminho da fé; o segundo é **O pedagogo**, que se volta para o educador daqueles que se tornaram filhos de Deus; por fim, vem a obra **Tapeçaria**, que apresenta Jesus como Mestre e propõe ensinamentos mais profundos. Nos livros dessa trilogia, Jesus Cristo é apontado como a base para o verdadeiro conhecimento e é dele que provêm não só os ensinamentos, mas o próprio conceito de verdade.

Portanto, o presente artigo tem como objetivo analisar alguns aspectos filosóficos sobre a andragogia (isto é, educação de adultos) na obra **O pedagogo**, de Clemente de Alexandria, e seu uso da pedagogia de Jesus Cristo, a fim de evangelizar e orientar os cidadãos recém-conversos ao Cristianismo, tanto letrados quanto não.

OS OBJETIVOS EDUCACIONAIS DE CLEMENTE DE ALEXANDRIA

Segundo Clemente de Alexandria, é somente através de Jesus Cristo que se pode estabelecer uma verdadeira ligação entre fé e razão, a fim de se chegar ao conhecimento íntimo da “gnose”, a expressão grega que corresponde ao conhecimento pleno. No contexto social de Clemente de Alexandria, a educação não podia atingir somente a

ilustração do espírito, mas devia superar os contrastes entre os preceitos religiosos dos cristãos e os ensinamentos morais e históricos das escolas pagãs de gramática e retórica. Segundo ele:

Ἔστι μὲν οὖν ἡ παιδαγωγία παίδων ἐστὶν ἀγωγή, σαφὲς ἐκ τοῦ ὀνόματος· λοιπὸν δὲ ἐστὶ τοὺς παῖδας ἐπιθεωρῆσαι, οὓς αἰνίττεται ἡ γραφή, εἶτα τὸν παιδαγωγὸν αὐτοῖς ἐπιστῆσαι. Οἱ παῖδες ἡμεῖς·

Há três coisas de que se precisa cuidar na pessoa: os hábitos, as ações e as paixões; a exortação serve para cuidar dos hábitos. Ela é como um guia da religião, é um discurso que serve de alicerce para a edificação da fé [...]. O discurso conselheiro governa todas as ações e o discurso consolador cura as paixões (**O pedagogo**, 1.1.1-2).

Percebe-se, portanto, a importância dos discursos (*logoi*) no processo de educação, os quais Clemente divide em três tipos: exortativo, conselheiro e consolador.

Na época de Clemente, “Alexandria se tornara o maior centro de atividade intelectual” do mundo e estava em plena expansão, chegando “a sobrepujar inclusive Atenas em influência e prestígio” (SPINELLI, 2002, p. 11). Clemente, um erudito presbítero numa época em que os cristãos eram geralmente pouco letrados, conseguiu construir argumentos lógicos convincentes, baseados nas Escrituras e na filosofia, a favor do Cristianismo. Como esse procedimento era visto como excessivamente inovador, havia sempre a preocupação de se diferenciar da mitologia e religiosidade gregas para que se tivesse uma religião que fosse “dotada de um absoluto controle do sobrenatural”, pois havia uma preocupação, por parte dos primeiros gregos convertidos, que era a de “mesclar razões filosóficas com princípios religiosos” a fim de transformar o Cristianismo “numa doutrina plenamente aceita pelos intelectuais da época e, mais do que isso, fazer dele a religião do homem civilizado” (SPINELLI, 2002, p. 16). A visão e compreensão que se estava disseminando era a de que as pessoas não mais precisavam sucumbir a um estado de incerteza e insegurança quanto às intenções dos seres divinos. Segundo Spinelli (2002, p. 16),

Os cristãos asseguravam que a ordem e harmonia a que o Universo estava submetido eram controladas pelo próprio Deus, e que, portanto, não havia qualquer acaso ou imponderável que pudessem tumultuá-lo. Ou seja, ao contrário de Zeus (tido pelos gregos como o Deus dos deuses), o Deus cristão era tido pelos gregos como o Deus do Universo, e, como tal, o Deus dos homens, único, infinitamente bom e justo, e aquele que tudo provê. Os homens, portanto, poderiam permanecer absolutamente tranquilos.

Nesse contexto, os primeiros cristãos necessitaram de um sistema educacional eficiente que pudesse transformá-los “numa elite exercitada para compreender filosoficamente as doutrinas do Cristianismo” (SPINELLI, 2002, p. 18).

Os ensinamentos dados por Jesus Cristo através de suas parábolas e a narrativa

de sua vida através dos evangelhos escritos por alguns de seus discípulos e conversos colaboraram para que a doutrina cristã se consolidasse. A linguagem metafórica utilizada por Jesus Cristo em suas parábolas dava condições de associação com elementos filosóficos, já que Jesus empregava principalmente comparações com a natureza para propagar os seus ensinamentos. Porém, o pensamento entre os grandes líderes religiosos não era uniforme já que a doutrina filosófica grega priorizava a inteligência, diferentemente dos cristãos que davam mais prioridade à ação, mesmo na dimensão moral. Para os primeiros cristãos, devido à urgência de sua mensagem, era mais importante agir do que pensar. Segundo Spinelli (2002, p. 19), a doutrina cristã não convidava prioritariamente a pensar, mas a agir: “não conviria, pois, concentrar-se exclusivamente no exercício da reflexão ou do raciocínio a fim de não acarretar desperdício de recursos para a ação”.

Com a necessidade de uma organização mais hierárquica para a igreja cristã, foram criadas várias assembleias e concílios para a tomada de decisões por meio de discussões e debates. Buscava-se a criação de uma doutrina canônica, totalmente apoiada nas Sagradas Escrituras de onde se retirariam os necessários “conceitos de verdade e de raciocínio correto” (SPINELLI, 2002, p. 18). A preocupação latente nessas reuniões era a manutenção da fidelidade aos princípios bíblicos. Só em meados do século II, o envolvimento e a participação mais ativa dos fiéis começaram a ser aceitos, bem como manifestações e opiniões que, em algumas circunstâncias, eram acatadas ou descartadas, conforme a verificação do grau de influência que podiam ter. Em todo caso, preocupava-se com certa ordem nos discursos, não permitindo um afastamento ou desvirtuamento das doutrinas cristãs. É nesse cenário que entra Clemente de Alexandria, juntamente com outros helenistas como Orígenes e Gregório Nazianzo, que buscaram “elevantar a verdade do Cristianismo acima de qualquer outra pretensão de verdade (SPINELLI, 2002, p. 21) e de “harmonizar determinados princípios da filosofia grega com a doutrina cristã” (SPINELLI, 2002, p. 12).

Havia diferentes tendências filosóficas na época de Clemente, principalmente o neoplatonismo, epicurismo e estoicismo. Essas escolas filosóficas se ocupavam dos ideais da educação (*paideia*), ou seja, a formação do ser completo. A base mais longínqua desses ideais eram os tratados de Platão sobre educação, dos quais os mais famosos eram **A república** e **Leis** (TORRES, 2015, p. 176). Esses tratados expressam, em detalhes, o seu ideal para a educação de adultos, que deveria obrigatoriamente se voltar para a cidadania. Platão também enfatizava a necessidade de um processo educacional de construção consciente. Segundo Jaeger (2013, p. 11),

Colocar esses conhecimentos como força formativa a serviço da educação e formar por meio deles verdadeiros homens, como o oleiro modela a sua argila e o escultor as suas pedras, é uma ideia ousada e criadora que só podia amadurecer no espírito daquele povo artista e pensador. A mais alta

obra de arte que o seu anelo se propôs foi a criação do Homem vivo. Os gregos viram pela primeira vez que a educação tem de ser também um processo de construção consciente.

Clemente de Alexandria, por sua íntima ligação com a filosofia grega, estava ciente desses ideais educacionais e ajudou a promovê-los no seio do Cristianismo. Sua obra **O pedagogo** é justamente a aplicação dos princípios fundamentais da educação grega à necessária andragogia cristã para a expansão do evangelho. A palavra “pedagogo” passa por várias mudanças de sentido no decorrer da história da educação, mas sempre traz em si a ligação entre a arte de ensinar e a característica daqueles que estão inseridos nessa prática. Segundo Torres (2015, p. 176), no período clássico, pedagogo era “o escravo que acompanhava o aluno ao lugar da aula e ali permanecia durante todo o tempo”. Por ter que esperar o aluno durante o período de aula, isso acabava redundando em benefício para o próprio escravo.

O MODELO PEDAGÓGICO DE CLEMENTE DE ALEXANDRIA

Quando Clemente se refere a Jesus Cristo como um verdadeiro pedagogo, ele não só enfatiza sua característica metafísica no sentido de aprimorar aspectos espirituais, mas traça características que são comuns àqueles que se ocupam da arte de ensinar. Ele esclarece, assim, qual é o verdadeiro objetivo da pedagogia. Porém, para ele, é preciso entender aqueles que realmente receberão os ensinamentos. Segundo Clemente de Alexandria (**O pedagogo**, 1.5.12),

Ἵτι μὲν οὖν ἡ παιδαγωγία παιδῶν ἐστὶν ἀγωγή, σαφὲς ἐκ τοῦ ὀνόματος· λοιπὸν δὲ ἐστὶ τοὺς παῖδας ἐπιθεωρῆσαι, οὓς αἰνίττεται ἡ γραφή, εἶτα τὸν παιδαγωγὸν αὐτοῖς ἐπιστῆσαι. Οἱ παῖδες ἡμεῖς·

Fica claro pelo nome que a pedagogia [*paidagógia*] é a educação [*agogé*] das crianças. Resta, porém, determinar sobre quais crianças as Escrituras enigmam para, então, estabelecer o pedagogo [*paidagógos*] para elas. As crianças somos nós (TORRES, 2017, p. 304).

A metodologia de falar às multidões em lugares da natureza e sem um conteúdo curricular fechado, mas que possuía lições de mudança comportamental e atitudinal, tudo isso era perceptível nos ensinamentos de Jesus. Segundo Suárez (2015, p. 45),

Muitos estudiosos da didática e da metodologia do ensino consideram Jesus Cristo o professor mais marcante de todos os tempos. Há dezenas de livros a esse respeito. O fato é que seu ensino criativo e transformador alcançou e alcança milhares de pessoas. O Mestre Jesus Cristo, um carpinteiro, sem jamais ter deixado registrada uma palavra sequer, sem jamais ter produzido um artigo, pesquisa, monografia ou livro, impactou a humanidade de um jeito impressionante (SUÁREZ, 2015, p. 45).

White (2016, p. 85) também relata aspectos interessantes de sua metodologia:

A ilustração mais completa dos métodos de Cristo como educador encontra-se em seu preparo dos doze primeiros discípulos. Esses homens deviam assumir pesadas responsabilidades. Escolhera-os como homens a quem ele podia infundir seus ensinamentos [...]. Às vezes, ele os ensinava enquanto se assentavam juntos nas encostas das montanhas; outras, junto ao mar ou dentro do barco do pescador; e, ainda outras vezes, enquanto andavam pelo caminho. Sempre que ele falava à multidão, os discípulos formavam a roda mais achegada.

Quanto à sua forma de ensinar, Jesus utilizava uma linguagem perfeitamente compreensível a todos os que se aproximavam dele e, com frequência, direcionava os ensinamentos especificamente àqueles que precisavam de mudanças. O impressionante era, porém, que suas lições serviam para as pessoas das maneiras mais diversas porque sua preocupação era justamente “ensinar a prática e a teoria da virtude” [τὴν αὐτὴν ἀρετὴν πρακτικὴν ἅμα καὶ θεωρητικὴν ἐπιδευκνύς], pois “seus ensinamentos estão repletos de persuasão, e não de medo!” [πειθοῦς γὰρ ἀνάπλεω, οὐ φόβου, τὰ προοστάγματα] (Clemente de Alexandria, **O pedagogo**, 1.3.9).

As metáforas educacionais empregadas por Clemente de Alexandria na obra **O pedagogo**, associadas às falas e ensinamentos de Jesus, podem ser aplicadas ao contexto educacional e aparecem das mais diferentes formas e contextos. Partindo do que já foi mencionado anteriormente de que “as crianças” a serem ensinadas pelos pedagogos não são crianças em seu sentido literal, é possível enfatizar que “os ensinamentos dados pelo pedagogo abrangiam não só os homens, mas também as mulheres”, “Ὅτι ἐπ’ ἴσης ἀνδρῶν καὶ γυναικῶν ὁ λόγος παιδαγωγός ἐστιν (Clemente de Alexandria, **O pedagogo**, 1.4.10). Ou seja, Jesus falava ao “ser humano em geral”.

CONCLUSÃO

Em última análise, pode-se entender o esforço andragógico de Clemente de Alexandria como uma tentativa de aproximar os ensinamentos de Jesus dos princípios da filosofia estoica a fim de usá-los para a educação dos conversos ao Cristianismo. Spinelli (2002, p. 241) reconhece nele duas tendências taxativamente estoicas: “a rigidez na formulação de preceitos e a contenção da natureza humana em favor de sua divinização, ou seja, retirar de dentro do humano, antes de um simples homem, um *deus*”.

Mesmo assim, pode-se elogiar a obra de Clemente por sua amplitude. É o que faz Spinelli (2002, p. 250-251):

O fato é que os objetivos do **Pedagogo** não se restringem ao religioso. A obra comporta outras prioridades que abrangem o cotidiano e que se

propõem a ordenar e harmonizar a vida integral do cristão, e não só a religiosa.

Contudo, lhe faz, por outro lado, a crítica de se valer bem mais da retórica do que da filosofia, por isso abandonando, às vezes, o “pedagógico” em favor do “dogmático” e, assim, andando na “contramão de Sócrates”. De qualquer forma, fica o valor de seu esforço para educar o incipiente mundo cristão sob o modelo de Cristo e com a ajuda dos mais importantes princípios pedagógicos da antiga educação grega, com certa ênfase na retórica e na filosofia.

REFERÊNCIAS

ALESSANDRINO, Clemente. **Il pedagogo**: texto, introduzione e note. Tradução: Boatti Abele. Torino: SEI, 1937.

ALEXANDRIA, Clemente de. **O Pedagogo**. Campinas: CEDET, 2013.

JAEGER, W. **Paideia**: a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

SPINELLI, M. **Helenização e recriação de sentidos**: a filosofia na época da expansão do Cristianismo – Séculos II, III e IV. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

SUÁREZ, Adolfo S. “Jamais alguém falou como este homem”: Jesus Cristo, nosso modelo de educador. In: SUÁREZ, Adolfo S. (Org.). **Manual do educador**: princípios para integrar a fé e o ensino-aprendizagem. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2015. p. 41-54.

TORRES, Milton L. “Todos os que se preocupam com a verdade são crianças perante Deus”: um texto de Clemente de Alexandria. Porto Alegre, **Translatio**, n. 14, p. 303-318, 2017.

TORRES, Milton L. A antiga educação grega: desafios e aportes para a educação adventista. In: SUÁREZ, Adolfo S. (Org.). **Manual do educador**: princípios para integrar a fé e o ensino-aprendizagem. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2015. p. 173-183.

WHITE, Ellen G. **Educação**. Tatuí: CPB, 2016.